

# A IMAGEM DO CRIME E DA VIOLÊNCIA ATRAVÉS DA IMPRENSA NA CIDADE DE MARÍLIA – SP<sup>1</sup>

*Milena Deganuti MELLO<sup>2</sup>  
Marceu Dornelles TOIGO<sup>3</sup>*

## RESUMO

Em virtude da grande divulgação sobre a criminalidade e seus dados estatísticos, estudar a violência e como a mídia aborda o tema, não é preocupação recente. Com a intensificação dessa onda de violência que atinge todos os segmentos da sociedade brasileira, ficamos por vezes perplexos da forma como o assunto é tratado por grande parte dos veículos de comunicação. Cabe à mídia, neste momento, uma destacada contribuição na desqualificação das informações sobre violência, pois ocupa na sociedade contemporânea um papel importante como “mediadora social”, como agente de socialização, ao lado da família, da escola e outras instituições. Observando a forma como o crime é noticiado nos dois jornais de maior veiculação na cidade com os dados coletados pelo GUTO\*, foi possível analisar o sentido e a magnitude de algumas distorções e exageros que, terminam por influenciar a imagem que uma sociedade faz sobre a criminalidade.

Palavras-chave: Imprensa, Violência, Criminalidade e Políticas Públicas;

## REFLEXÕES TEÓRICAS

Os meios de comunicação têm como uma de suas principais finalidades a grande tarefa de colocar o homem em contato com os acontecimentos do mundo que o cercam.

Em virtude de uma grande divulgação sobre a criminalidade e seus dados estatísticos, estudar a violência e como a mídia aborda o tema, não é preocupação recente.

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido como parte integrante do Projeto Políticas Públicas FAPESP “A Geografia do Crime de Marília-SP: diagnósticos para uma ação social comunitária”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado – GUTO.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Orientadora: Sueli Andruccioli Felix. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

<sup>3</sup> Aluno Especial em Ciências Sociais. Orientadora: Sueli Andruccioli Felix. Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

Mesmo não sendo objeto principal de estudo de todas as áreas do conhecimento, a violência hoje no mundo é preocupação direta ou indireta de inúmeras ciências, configurando-se de várias formas, tipos, características e relevâncias. Vai desde interpretações teóricas de pensadores e pesquisadores a reportagens diárias nos meios de comunicação social. Mais do que nunca se fala, se ouve, se escreve e se vê sobre as diversas formas de agressividade e criminalidade humana.

Mesmo com a intensificação dessa onda de violência que atinge a todos os segmentos da sociedade brasileira, ficamos por vezes perplexos da forma como o assunto é tratado por grande parte dos veículos de comunicação.

Na opinião de Pereira (1975, p.21), “a violência é apenas rotina, já que os homens estiveram-se matando durante todo o decorrer ao encerramento do segundo milênio.”

Evidentemente que a violência não é um privilégio deste século e nem da nossa sociedade. O que acontece é que o panorama atual apresenta muitas características que alteram e agravam cada vez mais a condição de cidadão livre, no Brasil. No momento em que estamos, salienta Velho (2000, p.56), “notamos que não há como disfarçar ou tentar camuflar este quadro numa tentativa de diminuição da violência na nossa sociedade.”

Todavia, fatos e atos violentos, criminosos e vítimas, estão constantemente na mídia, seja qual for o meio de comunicação de massa, fazendo com que o cidadão fique estagnado diante de tamanha presença em seu cotidiano.

Por um lado, define bem um estudo de Rondelli (2001, p.147),

[...] estamos vivendo em um horizonte de representações sociais da violência para cuja disseminação em muito contribuem os meios de comunicação de massa produzindo a dramatização da violência e difundindo sua espetacularização enquanto um efeito da violência exercida pelo ‘campo jornalístico’.

Trata-se de uma diversidade de situações que o ser humano tem que enfrentar nessa esfera global.

O crescimento do crime e da violência, sob variadas modalidades, não é fenômeno recente e/ou sequer exclusivo de nossa sociedade, como já observado. A

violência criminal atinge a todos os segmentos sociais, dos mais ricos aos mais pobres, o que nos faz todos inseguros e compartilhando as mesmas experiências.

Cabe à mídia, neste momento, uma destacada contribuição na desqualificação das informações sobre violência, pois ocupa na sociedade contemporânea um papel importante como “mediadora social”, como agente de socialização, ao lado da família, da escola e de outras instituições. E, de fato, não há dúvida do poder de uma notícia publicada ou divulgada.

## **O DIREITO À INFORMAÇÃO**

O direito fundamental à informação está devidamente assegurado em nossa Constituição Federal, art. 5º, inc. XVI: “É assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”. Todavia, há de se analisar o alcance disso tudo sobre o receptor. Experiências evidentes de estudos levam à conclusão de que existe uma relação entre a maneira como a mídia noticia um fato e o modo como é recebido e usado pelo público (leitor/telespectador).

Segundo comenta o Delegado de Polícia Geral do estado de São Paulo, Dr. Marco Antonio Desgualdo, da mesma forma que a mídia muitas vezes colabora para a prática de crimes violentos, ela também atua no sentido inverso, “a polícia não pode estar sozinha no combate ao crime e deve despertar a união da sociedade divulgando a idéia de integração entre a comunidade e a polícia”.

Na verdade, a propaganda direta ou camuflada que se faz da violência, a livre e desimpedida distribuição das notícias e sua exploração sensacionalista, em grande parte torna-se responsável pelo aumento dos índices criminais no país, afirma Bicudo (1997).

O rádio e a televisão noticiam diariamente, multiplicando os fatos que entram em nossas casas como se estivessem acontecendo naquele momento (a violência, de tal forma, integrada no cotidiano e explicitamente na vida das pessoas que quando o leitor ou telespectador que lê ou ouve a notícia, tem a sensação de estar presente no próprio fato). Violência contra o povo, crimes sexuais, roubos – isto tudo não é de hoje.

Entretanto, o que percebemos é que há décadas passadas todos esses delitos criminais aconteciam do mesmo jeito só não tinham a divulgação de hoje, apenas sensibilizando as comunidades onde eram cometidos.

Hoje, porém, um crime cometido tem repercussão imediata por todo e qualquer veículo de comunicação no país e até fora dele. ‘Sensacionalismo que aumenta os índices de audiência com reflexos econômicos importantes para as empresas de comunicação’, frisa Bicudo (1997). Assim, dessa forma, passamos a acreditar em um nível de violência elevado, sem dúvida, e que precisaria estar sendo corrigido e modificando a tendência comercial.

Citando Davidson (1982, p.700 apud FELIX, 2001, p.10),

[...] a relação entre as taxas de crime e o noticiário deve ser analisada em suas contradições, pois esta taxa pode ser alta, nem tanto porque exista o crime, mas porque a relações das pessoas com a polícia são boas e, portanto, os níveis de conscientização são maiores desta população o que, provavelmente, fará com que denunciem muito mais fazendo com que um alto grau de registros aconteça (porém, relações ruins não precisariam necessariamente resultar em sub-registro).

Costa (2000, p.4) é outra autora que analisa como o espetáculo da mídia também vai influenciar o comportamento dos jovens. Citando Baudrillard (1990), ela observa que, da maneira como a violência se manifesta ou permanece nos noticiários, a violência “assume uma forma lúdica e espetacular”, fazendo com que este jovem queira ser notado e para isso, em muitos casos, “à prática da violência pelos jovens potencializa a excitação e, principalmente, abre caminho para que eles também possam participar do espetáculo da mídia e ser notados pela sociedade”, conclui.

Rabaça e Barbosa (2001) reforçam a tese de que as manchetes sensacionalistas têm como finalidade atrair a atenção do leitor e despertar sua curiosidade para aumentar as vendas, e concluem que “èssa é a verdadeira intenção das manchetes!”. Mas além desse objetivo comercial, os autores argumentam que a manchete sensacionalista pretende mobilizar a opinião pública para determinadas atitudes ou pontos de vista, o que nos leva a pensar novamente sobre a questão do permanente e diário noticiário sobre violência e crimes estarem construindo um cidadão acostumado a um grau de violência, o qual, muitas vezes, poderia não ser tão alarmante sobre a criminalidade.

Dentro dessa linha, trabalhando concomitantemente ao Projeto de Políticas Públicas da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo): *A Geografia do Crime de Marília – SP. Diagnósticos para uma ação social comunitária,*

desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado pretendemos desenvolver, futuramente, estudos mais aprofundados e detalhados dos espaços que apresentam maiores taxas criminais por mil habitantes e o que é noticiado diariamente, nos meios de comunicação local.

## **ANÁLISE / OBSERVAÇÃO**

A mídia é, atualmente, um dos mais importantes equipamentos sociais no sentido de produzir esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo e que os meios de comunicação, portanto, ‘falam pelos e para os indivíduos’ (GUATTARI; ROLNIK, 1985, apud COIMBRA, 2001, p. 58).

Podemos dizer que este equipamento social ao mesmo tempo em que nos orienta o que pensar, e agir, orientam também sobre **o que pensar**, sobre **o que sentir**, em muitos casos. Ela nos coloca cotidianamente sobre quais problemas principais devemos nos posicionar e pensar. Por isso, a nossa grande preocupação quando o assunto é violência, especialmente da forma como a mídia nos apresenta.

Este monopólio dos meios de comunicação observa Coimbra (2001), “além de produzir certos modos de existência e de vida [...] a mídia pela via do espetáculo, do sensacionalismo, organiza diversos e diferentes fluxos de acontecimentos.”

Nada novo, a não ser a assinalar, com efeito, o pensamento de Pereira e Bicudo, citados anteriormente. E como ressalta ainda Sodré (1992, p. 45), que diz que na medida que esses fatos passam a ser predominantes, como a constância de imagens sensacionalistas, subjetivas, dramáticas demais, interagindo no cotidiano das pessoas através dos meios de comunicação de massa, “simulam padrões consensuais de conduta e produzem poderosas e eficientes formas de ser e de estar no mundo, forjam existências, vidas, bandidos, mocinhos, heróis e vilões”. As pessoas estão, em grande parte, influenciadas pela forma, conteúdo e periodicidade sobre o tema e, por isso, fazem uma certa distorção ou relação em sua percepção sobre a criminalidade e os criminosos.

Observando a forma como o crime é noticiado nos dois jornais locais de maior veiculação na cidade com os dados coletados pelo Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado (GUTO), através do banco de dados do projeto, foi possível analisar o sentido e a magnitude de algumas distorções e exageros que, conforme os

estudos citados, terminam por influenciar a imagem que uma sociedade faz sobre a criminalidade.

Para saber quais tipos de crimes e com qual frequência a mídia impressa, mais precisamente, os jornais: *Diário* e *Jornal da Manhã*, da cidade de Marília – SP, retratam o tema, observamos a ocorrência de 06 delitos: – Furto (tentado e consumado); Lesão Corporal/ Espancamento; Homicídios (tentado e consumado)/ Latrocínios; Tráfico de Drogas; Estupros e Seqüestros. Com isso, nos foi possível ter uma idéia da importância relativa com que vários delitos são tratados por essa imprensa escrita da cidade de Marília.

Em seguida, a partir das análises obtidas no banco de dados do Grupo de Pesquisa e de gestão Urbana de Trabalho Organizado, verificamos a veracidade e diferenças entre os tipos de fontes.

Por estarmos desenvolvendo a análise em uma cidade de médio porte do interior de São Paulo, com aproximadamente 200 mil habitantes (segundo censo de 2000), a análise dos jornais locais (dois apenas, de destaque na cidade) a respeito da influência direta do meio de comunicação junto ao leitor, tornou-se um pouco dificultosa, num primeiro momento. O consumo dos jornais é pequeno por parte de quem os assina. Já, a leitura diária por outros meios, como emprestados, no serviço, no comércio ou, muito costumeiro, quando colados em paredes do comércio central da cidade, atraindo aí sim, um grande número de leitores passageiros que, analisando-os rapidamente, fazem grandes distorções e ilusões das notícias (por estarem lendo apenas as ‘letras garrafais’ das manchetes estampadas na primeira página), é muito mais comum.

Portanto, neste caso, necessitamos de uma pesquisa sobre o perfil do leitor dos periódicos e todas as características sócio-econômicas destes para, cientificamente, comprovarmos uma provável influência direta no comportamento e hábitos do cidadão de uma comunidade.

Em nossa análise, que se deu por uma observação e estudo bibliográfico, escolhemos os dois jornais de maior conhecimento do cidadão mariliense: *Diário de Marília*, com a tiragem de 13 mil exemplares, aproximadamente e o *Jornal da Manhã*, com a tiragem de 12 mil exemplares.

Partimos da observação visual dos dois periódicos e notamos que os dois publicam diariamente as mesmas notícias sobre os delitos criminais e fatos de violência acontecida em âmbito local, regional e, também, nacional. O que os diferencia, neste momento, é a forma como um e outro abordam o delito e destacam a matéria.

No jornal *Diário de Marília* há uma coluna/página, dentro do primeiro caderno, que se chama **Polícia** (FIG. 1), conforme indicado na figura abaixo. Nesta página, localizam-se as notícias sobre os crimes, violência e tudo que estiver relacionado ao tema.

Algumas vezes, esta coluna se encontra unida à coluna **Cidade**.



Figura 1 - Jornal *Diário*: coluna 'Polícia' dentro do primeiro caderno.

No *Jornal da Manhã* não há um nome para a página, mas o destaque, em comparação ao outro jornal, é muito maior para qualquer assunto relacionado ao tema da violência e criminalidade, instigando o leitor a ler e observar tais fatos. Algumas vezes, ainda, o jornal destaca a notícia articulando um fundo de texto mais escuro que o normal presente no jornal todo. Tal sensacionalismo tem como finalidade camuflada atrair a atenção do leitor e, conseqüentemente, aumentar as vendas, segundo observou Rabaça e Barbosa (2001).



Figura 2 - *Jornal da Manhã* noticiando um fato com destaque.

As diferenças de coberturas são notáveis e claras nos dois jornais, especialmente no que se refere às chamadas principais (aquelas que geralmente ocupam a parte superior, na capa/primeira página, impressas num tamanho maior que as demais). Neste momento, nos deparamos com a seguinte condição: no *Jornal da Manhã* suas manchetes, quando relacionadas ao tema, estão sempre com letras em negrito e bem destacadas de qualquer outra chamada de primeira página, fantasiando e atraindo especificamente o leitor para a referida reportagem, conforme mostra a FIG. 3 Observa-se um apelo ao sensacionalismo, nas 60 edições (aproximadamente) analisadas. Já, no jornal *Diário*, observamos que uma mesma notícia é tratada de outra forma e estampada na primeira página, muitas vezes, com outra ênfase, FIG. 4 Comparando essa condição dos dois, o *Diário*, quase sempre, noticia o fato para informar o cidadão, enquanto o *Jornal da Manhã* tenta atrair para o espetáculo, para o sensacionalismo, pois a análise pode nos provar um costume em seu cotidiano a respeito das matérias sobre os delitos criminais.



Figura 3 – *Jornal da Manhã* destacando sua manchete com sensacionalismo



Figura 4 – O jornal *Diário* noticiando também o mesmo fato (Figura 3), de forma menos apelativa.

Observamos, também, que embora muito mais freqüente no *Jornal da Manhã*, o sensacionalismo não lhe é único, pois em alguns (poucos) casos, é o outro jornal, *Diário de Marília*, que noticia com sensacionalismo e apelo comercial aos fatos. Isso pode ser observado no exemplo a seguir – FIG. 5 e 6, quando o jornal *Diário* enfatiza um dado insignificante na reportagem, enquanto o *Jornal da Manhã*, apesar das “letras garrafais” do texto sublinhado, amenizou sua manchete.



Figura 5 – *Jornal da Manhã* amenizou o fato nessa manchete



Figura 6 – *Diário* enfatizou um dado insignificante na reportagem, com objetivos sensacionalistas

Do sensacionalismo e da manipulação das estatísticas com fins comerciais e até políticos, nem o nosso projeto escapou. Na matéria intitulada “*Criminalidade cresce em 70% dos bairros*”, do jornal *Diário* (Figura 7), temos um claro exemplo de sensacionalismo a partir de dados reais. O repórter realizou entrevista com a Coordenadora do Projeto e mesmo utilizando o nosso banco de dados, ou seja, trabalhando com os

números reais, conseguiu manipular as informações estatísticas para espetacularizar os índices de criminalidade na cidade. Na realidade, a criminalidade não aumentou no total dos índices calculados pelo grupo (Tabela 1). A análise dos índices obtidos no banco de dados do Projeto prova, conforme apresentado ao repórter em entrevista, que os dois únicos tipos de delito criminal que apresentaram aumento no período (primeiro semestre de 2001 em comparação ao primeiro semestre de 2002), foram: *crime contra a pessoa* e *crime contra os costumes*.

Portanto, podemos sugerir uma manipulação da informação para um sensacionalismo comercial, já que, como podemos notar na Tabela I a criminalidade da cidade em geral reduziu em três pontos percentuais. Com esse exemplo e outros elencados acima, poderíamos até pensar que a linha editorial desse jornal usou do sensacionalismo como meio de obter mais lucros, tornando-o também prejudicial à comunidade que o compra e consome suas informações errôneas.

Outro detalhe importante refere-se a descontextualização da resposta do entrevistado, o que dificulta a nossa exigência de retratação por parte do jornal. Um exemplo claro está em uma resposta da coordenadora sobre o aumento de ocorrências de entorpecentes em algumas regiões. Questionada sobre o aspecto negativo desse aumento, a coordenadora explicou que “nem sempre o aumento nas ocorrências é um fator negativo”. Especialmente no caso de drogas, isso pode significar que houve mais apreensão e não, necessariamente, aumento de consumo e/ou tráfico.

Essa reportagem teve péssima repercussão na sociedade, obrigando a coordenadora do Projeto a justificar o sensacionalismo criado na notícia com os dados estatísticos obtidos no Projeto, pelo jornalista, já que, em muitos casos, os números absolutos eram irrisórios. Foi o que ocorreu em uma região da cidade que teve 1 (uma) ocorrência de Tráfico de Drogas e ou Porte de Entorpecentes, (Jardim Bandeirantes) no primeiro período analisado (jan-jul/01) e 04 ocorrências de tráfico de Drogas e ou Porte de Entorpecentes no segundo período (jan-jul/02) e recebeu o destaque de 300% de aumento na criminalidade, apavorando os moradores da região, especialmente os que se detêm às manchetes. O fato poderia ser interpretado como o aumento de confiança na polícia, assim como aumento nos níveis de conscientização da população na busca do seu direito de denunciar e exigir providências da polícia. Ou, mesmo sendo o aumento real nas ocorrências, o número absoluto é irrisório comparado ao relativo (300%) que tem um efeito moral devassador.

# Criminalidade cresce em 70% dos bairros

A criminalidade aumentou em dez dos 15 bairros pesquisados por um grupo de jornalistas e alunos da Uirapuru. Aproximadamente 70% dos bairros da cidade.

Em alguns casos, a alta chegou a 40%, como foi o caso de Altaneira, onde houve um aumento de 44% nos crimes.

No ranking, o bairro de Santa Antonieta registrou o maior crescimento, com 35% a mais de crimes em relação ao ano anterior.

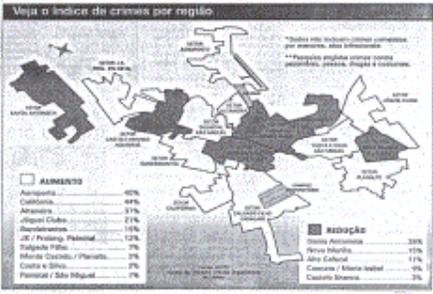
Dados que foram baseados em registros policiais coletados durante o primeiro semestre e foram comparados com o mesmo período do ano passado. Não incluem, porém, crimes não denunciados, ou chamados de "crimes não registrados".

O estudo mostra a distribuição de quatro tipos de delitos: contra patrimônio, contra a pessoa, drogas e costumes.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.



Indica, por exemplo, que a macroregião próxima ao aeroporto - que envolve mais de 10 bairros de zona nobre - sofreu de crimes contra a pessoa um aumento de 10%.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.

Em Santa Antonieta, o maior aumento foi registrado no furto de veículos, com um crescimento de 40%.

Costado, entre outros, que é considerado mais alto. "É para isso a participação da população é fundamental. No passado, não tivemos muitas denúncias e isso ajudou a manter o nível de crimes e da polícia."

No passado, não tivemos muitas denúncias e isso ajudou a manter o nível de crimes e da polícia."

No passado, não tivemos muitas denúncias e isso ajudou a manter o nível de crimes e da polícia."

No passado, não tivemos muitas denúncias e isso ajudou a manter o nível de crimes e da polícia."

Figura 7 – Sensacionalismo no Jornal Diário.

Tabela 1. Registro das ocorrências do primeiro semestre de 2001 em comparação com o 1º semestre de 2002.

	PATRIMÔNIO			PESSOA			DROGAS			COSTUMES			TOTAL		
	2001	2002	%	2001	2002	%	2001	2002	%	2001	2002	%	2001	2002	%
AEROPORTO	31	47	52	15	16	7	2	2	0	0	2	-	48	67	40
ALTANEIRA	32	43	34	9	13	44	2	3	50	0	0	-	43	59	37
ALTO CAFEZAL	626	534	-15	186	188	1	13	11	-15	5	5	-	830	738	-11
BANDEIRANTES	78	85	9	42	49	17	1	4	300	2	3	50	123	141	15
CALIFORNIA	66	94	42	23	41	78	9	8	-11	1	0	-100	99	143	44
CASCATA / M. IZABEL	495	422	-15	162	171	6	18	17	-6	0	1	-	675	611	-9
CASTELO BRANCO / AQUARIUS	225	187	-17	106	126	19	21	24	14	3	6	100	355	343	-3
COSTA E SILVA	176	179	2	56	51	-9	9	12	33	0	3	-	241	245	2
J.K. / PROL. PALMITAL	117	109	-7	61	80	31	6	12	100	1	6	500	185	207	12
JÓQUEI CLUBE	74	76	3	30	42	40	3	7	133	0	5	-	107	130	21
MONTE CASTELO / PLANALTO	138	170	23	94	96	2	37	11	-70	3	1	-200	272	278	2
NOVA MARÍLIA	136	120	-12	106	85	-20	16	11	-31	4	6	50	262	222	-15
PALMITAL / SÃO MIGUEL	182	194	7	64	68	6	29	18	-62	2	1	-50	277	281	1
SALGADO FILHO / CAVALLARI	412	413	0	129	161	34	24	27	13	1	3	300	566	604	7
SANTA ANTONIETA	213	96	-45	76	88	16	13	10	-23	3	4	33	305	198	-35
<b>Total</b>	<b>3001</b>	<b>2769</b>	<b>-8</b>	<b>1159</b>	<b>1275</b>	<b>10</b>	<b>203</b>	<b>177</b>	<b>-13</b>	<b>25</b>	<b>46</b>	<b>84</b>	<b>4388</b>	<b>4267</b>	<b>-3</b>

**Fonte:** GUTO – Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado **ORG:** Sueli Andruccioli Felix

Vale ressaltar que os delitos criminais noticiados nos dois jornais apresentam uma diferença bastante tênue, de um para o outro, conforme observei em uma análise do primeiro trimestre do ano passado.

Homicídios, lesões corporais são os delitos mais frequentes nas manchetes dos dois jornais. Na outra ponta, temos o tráfico de drogas, furtos e outros (Os jornais noticiam diariamente fatos de âmbito nacional e publicam também, de maneira habitual em suas páginas).

## **CONCLUSÃO**

Concluindo este artigo que, em linhas gerais, abordou a relação e a pertinência de assuntos sobre violência criminal na mídia impressa e observação do sensacionalismo dos dados relacionados ao tema sobre o crime e a violência, muitas outras questões ainda se fazem pertinentes e pretendemos apresentar respostas muito mais eficazes em um futuro próximo, no relatório final.

Embora, em grande parte, os meios de comunicação de massa construam uma realidade e embora as formas e as essências instalem uma “*ditadura suave, persuasiva, subliminar, sem revolta possível, sem prisão, sem guardas, pois as telas substituíram as grades*”, temos ainda que analisar outros equipamentos de comunicação/interação e relação social responsáveis também por todo esse espetáculo dramático e muitas vezes, bem fantasioso:

[...] apesar do poder da mídia, em toda parte, observamos e encontramos estratégias e mecanismos presentes em diferentes grupos e movimentos que conseguem, muitas vezes, pesquisando e diagnosticando, reverter todo um quadro de hegemonia imposta (COIMBRA, 2000, não paginado).

Esses movimentos, como também é proposto pelo Projeto nessa segunda fase envolve um trabalho conjunto com toda a comunidade, bem como órgãos públicos e municipais para diagnóstico real dos fatos criminais e violentos e propostas de redução e

*reeducação da polícia e da população*, num processo de conscientização de seus papéis na luta contra a violência, a cada dia.

Portanto, o modo como a mídia fala sobre a violência faz parte da própria realidade, como também “*as interpretações e os sentidos sociais que serão extraídos de seus atos, o modo como certos discursos sobre ela passarão a circular no espaço público e a prática social que passará a ser informada cotidiana e repetidamente por estes episódios narrados*”, explica Rondelli (1998).

Sob essa perspectiva, percebemos a mídia como importante e influente no pensamento e nos atos do dia a dia de uma comunidade. Compreendê-la também não deixa de ser um modo de se estudar a violência pois,

[...] quando se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza ou banaliza os atos de violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência. Se a violência é linguagem – forma de comunicar algo, a mídia ao reportar os atos da violência, surge como ação amplificadora desta linguagem primeira, a da violência (RONDELLI, 1998, p.150).

Afirmar, fortalecer e aliar-se a tudo isso, tem sido desafio e ao mesmo tempo, gratificação de nossas tentativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. *A criminalidade urbana violenta no Brasil: um recorte temático*. BIB, Rio de Janeiro, n.35, p.3-24,1993.

BAHIA, J. *Jornal: História e técnica. As técnicas do Jornalismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BENEYTO, J. *Informação e sociedade: os mecanismos sociais da atividade informativa*. Tradução: Maria de Lourdes Allan. Petrópolis: Vozes, 1974.

BICUDO, H. *Direitos humanos e sua proteção*. São Paulo: FTD, 1997.

COMUNICAÇÃO da Violência. Análise Comparatória apresentada nos jornais O Globo e O Povo. **Papel do Jornal: uma página virtual sobre a mídia impressa**, Rio de Janeiro, Jan.2000. Disponível em: [http://www.papeldojornal.hpg.ig.com.br/sociedade/28/index\\_int\\_5.html](http://www.papeldojornal.hpg.ig.com.br/sociedade/28/index_int_5.html). Acesso em 05 Nov. 2002.

CHAUI, M. S. Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 mar. 1999. Caderno Mais!, p.5.

CHOMSKY, N. O império da mídia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1997, p.8-9.

COIMBRA, C.M.B. *Discursos sobre segurança pública e produção de subjetividade: a violência urbana e alguns de seus eleitos*. Trabalho de Pós-Doutorado, USP, S.P. 1998.

\_\_\_\_\_. Mídia e produção de modos de existência. *Revista Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 17, n.1, jan-abr. 2001.

COMUNICAÇÃO da Violência. Análise Comparatória apresentada nos jornais O Globo e O Povo. **Papel do Jornal: uma página virtual sobre a mídia impressa**, Rio de Janeiro, Jan.2000. Disponível em: [http://www.papeldojornal.hpg.ig.com.br/sociedade/28/index\\_int\\_5.html](http://www.papeldojornal.hpg.ig.com.br/sociedade/28/index_int_5.html). Acesso em 05 Nov. 2002.

COSTA, M. R. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? *Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n.4, out-dez 1999.

CUNHA, R. Mídia dramatiza a violência, dizem pesquisadores. *Comciencia. Revista Eletrônica do Jornalismo Científico*, São Paulo, Nov. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/violencia/vio06.htm>>. Acesso em: 18 out.2002.

FELIX, S. et al. (Coord.). *A geografia das ofensas: análise dos espaços de crimes, criminosos e das condições de vida da população de Marília-SP*. Relatório Científico de Pesquisa, n.1, UNESP – FAPESP, Marília, jul 2001, mimeo.

GHISELLI, M. T. O. Notícia de interesse público deve ser publicada sempre. *Jornal Impacto*, Tupã, 29 dez. 2002. e 05 de jan.2003.

GULLO, Á. A. S. Violência urbana: um problema social. *Tempo Social*, São Paulo, v.10, n.1, p.105-119, maio1998.

KAHN, T. Criminalidade e meios de Comunicação. *Revista Conjuntura Criminal*, São Paulo, Ago.1998. Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/concrim/con2.html>>. Acesso em 20 set.2002.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Tradução: Délcio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MELLO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ODÁLIA, N. *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, J. *Violência: uma análise do homo brutalis*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

PEREIRA, M. *A democratização da comunicação: o direito à informação na Constituinte*. São Paulo: Global, 1987.

PORTO, M. S. G. A violência entre a inclusão e a exclusão social. *Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p.187-200, out.1998.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

RONDELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. *Tempo Social*, São Paulo, v. 10, n.2, p. 145-157, out. 1998.

SODRÉ, M. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

TOSCANI, O. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Tradução: L. C. de Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

VELHO, G. O desafio da violência. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n. 39, p.56-60, 2000.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 2003.**